

GALERIA THEATRAL.

JORNAL CRITICO-LITTERARIO.

Publica-se aos Domingos, e Quartas feiras. — As assignaturas fazem-se unicamente na typographia da travessa das Mercês n.º 11.

Assigna-se por anno: 1:000 rs. — Por semestre: 600 — Por trimestre: 300 — Avulso 20 rs.

GALERIA.

THEATRO DES. CARLOS.

MARIA DE ROHAN.

Maria — Condessa de Rohan amou apaixonadamente o conde de Chalais, mas para obedecer aos preceitos de uma mãe estremosa teve de casar com o duque de Chevreuse. Este casamento da condessa apesar de ser feito á vontade das duas familias foi por bastante tempo um segredo na cõrte, porque se temia o odio de Richelieu, que pertendêra casar a condessa com seu sobrinho, e por isso o apaixonado conde de Chalais não deixava de procurar todas as occasiões de agradar á condessa, a quem ainda reputava solteira, e livre de qualquer ligação.

Um duello, em que o sobrinho de Richelieu foi morto pelo duque de Chevreuse causou a prisão deste, e certamente lhe accarretaria maiores desgraças, se a condessa de Rohan conhecendo a influencia do conde de Chalais na cõrte, não fosse pedir-lhe a liberdade de seu marido o duque de Chevreuse. Chalais cede ás supplicas da sua adorada Maria, e obtem o perdão para o duque, sem saber que abre as portas da Bastilha ao marido da sua amante.

Armand de Gondi, um dos padrinhos no duello entre Chevreuse, e o sobrinho do ministro apresenta-se na cõrte, em consequencia de saber já a noticia da queda de Richelieu, e entre as diversas aventuras escandalosas das mulheres da mesma cõrte conta, que vira entrar furtivamente Maria de Rohan no palacio de Richelieu. O conde de Chalais desmente o impostor, e desafia-o; Chevreuse, que entra pouco depois, offerece-se para padrinho, e destina-se o local para o combate na torre de Nesle. E' neste momento solemne, que Chalais recebe a nomeação de primeiro ministro para substituir Richelieu!

O conde de Chalais prepara-se para o duello

de morte, que vae ter com Armand de Gondi. Escreve uma carta ardente e affectuosa a Maria, e lhe remette o seu estimado retrato, e deixa sobre a carteira este fatal papel para no caso de succumbir no combate, chegar ás mãos da condessa. Quando está preocupado de tão fortes apprehensões, entra uma mascara no seu gabinete, é Maria, condessa de Rohan, que tendo sabido na cõrte, que Richelieu havia alcançado outra vez a sua antiga influencia, e poder, vem avisar Chalais para que fuja, e salve a sua vida. Chalais, que já sabe o casamento de Maria com Chevreuse, não pôde aceitar o conselho de fugir, e jura affrontar todos os perigos, mas não quer adoptar a idéa de deixar de vêr Maria. Nesta anciedade estão os dois amantes, quando batem á porta do gabinete de Chalais. E' o marido da condessa, o duque de Chevreuse, que como seu padrinho vem escolher a espada para o combate. A perturbação dos dois desgraçados amantes é terrivel, e Maria, para evitar a presença de seu marido esconde-se na salla proxima, que é a casa d'armas de Chalais. Entra o duque, e examina a espada do conde, e achando-a muito fraca para um duello de morte, pertende ir á salla d'armas, em que a condessa está escondida, escolher uma melhor arma. O conde embarga o passo ao duque, e achando no chão uma mascara, percebe logo o motivo, porque alli não deve entrar, retira-se, e vai esperar Chalais no campo do combate. A condessa sabe meia morta do seu escondrijo, e começa nova lucta entre ella e o seu amante para evitar este fatal duello, e tantas são as rogativas de Maria, tão grande é a pertinacia, com que ella intenta evitar que o conde de Chalais vá ao duello com Gondi, que passa a hora do combate, e o duque de Chevreuse na qualidade de seu padrinho é quem se bate, e fica ferido n'um braço!

O duque pesar de abatido pelo cansaço, e pela ferida quer ajudar a evadir o conde de Chalais perseguido por Richelieu, e lhe ensina o caminho secreto, que vai dar fóra da cidade; mas o conde cego pela paixão de Maria torna a apresentar-se no palacio de Chevreuse ao mesmo tempo, que o duque avisado pelo ministro das relações amorozas de sua

mulher com Chalais, e tendo presente a carta, que elle escrevera a Maria na vespera do fatal duello, arde em ciúme, e promete vingança.

A presença do conde de Chalais na casa do duque de Cheereuse desenvolve todo o ciúme do marido ultrajado, offerece uma pistola ao aggressor da sua honra e arrasta-o para fóra da casa, onde está Maria. Pouco depois ouve-se uma detonação. E' Chalais, que não podendo supportar tanta desgraça, descarrega sobre si a pistola, que Chevreuse lhe tinha entregado.

A fabula deste tragico drama traduzida pela mimosa musica de Donizetti acaba de ser primorosamente executada pelos artistas de S. Carlos. A reputação de Donizetti não precisava desta composição para estar perfectamente estabelecida, mas é força confessar que uma platéa habituada á estrepitosa musica de Verdi, custa a ouvir com prazer as melodias suaves de Donizetti. Assim mesmo agradeou bastante a Maria de Rohan.

A sr.^a Gresti, comprehendeu a verdadeira expressão da musica, e o sr. Fiori e Baldanza foram magistralmente. O terceiro acto é sobre tudo de um grande valor.

THEATRO DE D. MARIA II.

BIOGRAIPHA.

Antonio Maria d'Assis.

Nascido a 7 de Outubro de 1818, a profissão a que se destinára, era muito differente daquela que actualmente exerce. No entanto desde muito moço que o sr. Assis mostrou a maior tendencia pelo theatro. A arte dramatica era o seu sonho dourado: eram as illusões do mancebo, que vio depois realisadas.

Pena é, que os nossos actores não possam dar-se exclusivamente ao genero para que se conheçam com mais propensão. Succede muitas vezes que o actor que acaba de fazer o papel de tyranno, tem dalli a pouco de desempenhar o papel de gracioso. O publico póde ter mais occasião de avaliar o merecimento do artista, este póde mesmo por este facto adquirir mais sympathias; porem o artista, de certo, nada ganha para a arte, porque não é possível conseguir a perfeição em dous ou tres generos absolutamente differentes.

Pelo estudo que temos feito do sr. Assis, conhecemos que a alta comedia é o genero a que especialmente devia dedicar-se, e quando não fosse desviado para exercer papeis d'outro genero, estamos certos que devia ser eminente na alta comedia.

Não quer isto dizer que o sr. Assis tem ido mal em nenhum dos papeis que o temos visto representar; antes pelo contrario, o seu repertorio tem sido tão variado, que aproveitamos a occasião

para lhe tecer os devidos elogios pelos progressos que tem feito em arte tão difficil, e especialmente pelo pouco tempo que tem de actor.

Posto que o sr. Assis já fosse bastante conhecido pelo bem que representava em alguns theatros particulares, no entanto foi só no dia 8 d'Abri!l de 1844 que fez a sua primeira estrêa no theatro do Salitre de que era emprezario o sr. Emilio Doux, com o drama em 5 actos, o *Infanticidio, ou a ponte de S. Cloud.*

A *Floresca ou o amor filial*, foi um completo triumpho para o joven artista. Era o segundo drama em que entrára, e o publico victoriou o sr. Assis, porque já nessa occasião lhe notou o merecimento.

Muitos foram os dramas em que representou naquelle theatro; especificaremos alguns que agora nos lembram, e nos quaes o vimos merecer os applausos do publico. *As ruínas de Babylonia, O naufragio da fragata Meduza, Os Estudantes de Paris* (dramas) e nas comedias, *O marido da viuva. O segundo anno ou quem tem a culpa, A sociedade dos trese etc.*

Pela lei de 30 de Janeiro de 1846, que deu ao theatro de D. Maria II. ãa organisação que tem, foi o sr. Assis nomeado societario; não poude contudo tomar posse do seu logar, senão em 26 de Março de 1847, por que se achava escripturado até áquella epocha com o sr. Emilio Doux.

No theatro de D. Maria II. tem sido ainda mais variado o repertorio do sr. Assis.

Basta porém que nos lembremos da maneira magistral por que entra no *Casal das Giestas*, na *Condeça de Sennecey*, na *Mendiga*, na *Estalagem da Virgem*, no *Templo de Salomão*, e nas comedias *As economias, Os dous Seminaristas, Uns sobem outros descem*, e finalmente na *Mulher de dous Maridos*, cuja execução é um dos maiores titulos que o sr. Assis tem, sem duvida alguma, á sympathia do publico.

Este artista reúne a uma bella, e elegante figura, uma boa voz, e maneiras muitos distinctas, e que tão necessarias se tornam para a execução de certos papeis, como o *Marquez de S. Clain*, no *Casal das Giestas*.

São muito poucos os annos que ainda conta de theatro, mas pelos progressos que tem feito, pelo desejo que lhe notamos de se distinguir, e pelo assiduo estudo que faz de uma arte tão espinhosa, temos a certeza de que o sr. Assis, sendo, como já é, um dos principaes actores do nosso primeiro theatro de declamação, virá a ser de futuro um dos ornamentos da scena portugueza.

VARIÉDADES

Carta 2.^a, escripta pelo doutor Manoel Mendes Fogaça, a um seu amigo transmontano, em que lhe dá noticia de outra comedia que vira representar.

(Continuado.)

Aqui, bem a meu pesar, vi eu interromper-

se este admiravel discurso, com a motinada infernal das rebecas, signal infallivel do ataque, que se hia fazer á razão humana com a peça magica, ou o tyranno parvoinho. — Com effeito, meu amigo, levantou-se a rodilha mais pingada e immunda que tem sombreado até agora a porta de uma tasca. Era a peça, tudo ficou de queixo cahido, e eu tambem á vista da decoração theatral, e teve razão o cartaz, em dizer que seria bem scenamisada. Vista de jardim ameno, fontes, grutas, bosques, canapés de verdura, e o mais alentado, e membrudo jardineiro, que ainda pegou n'uma thesoura para capar buxos. Era turco, e chamava-se Alfeno — Turco Alfeno? Isto não póde ser, é uma impropriedadé em nome, patada, senhor Genio. — Não, senhor, me diz um dos visinhos, não é patada. Oiça-o, verá se deve chamar Alfeno, e Alfeno Cinthio, porque lá está repetindo um idilio, em prosa, á Primavera, ás fontes murmuradoras, aos passarinhos, e á sua encantada princeza Dulcinéa, vulgò Adella, que elle nunca viu, e a quem nunca fallou. Pois por isso é patada, lhe disse eu. Jardineiro, Turco, Alfeno, Idilio, Princeza incognita, e amor ao que nunca se viu, e a quem não se fallou, patada. Ora, senhor, me disse o outro, não seja tão Aristarco, isto é o *debuté* da peça, logo verá o que vai. Com effeito, eu fiquei aturdido, porque aos queixumes de Alfeno, transforma-se um espaldar de verdura em um esplendor de aldéa, e surde uma bem vestida turca; Alfeno fica mamado, e diz — Quem sois vós, senhora? Eu, diz ella, sou a princeza Adella, a quem o tyranno Urbino despojou do palacio, e do throno e reino, vou-me embora, vou-me por esse mundo. . . . Se vós sois Adella, então sois aquella que eu amo muito. Diz-lhe agora Adella, tambem eu te amo muito a ti. Deveras? lhe diz Alfeno. E vós sabeis quem sois vós, e quem sou eu? Eu, diz ella, sou Adella, e tu és o jardineiro do serralho, porém eu estou livre de *prejuizos*, em ti vejo um homem meu semelhante, amo-te muito, heide ser tua a poder que eu possa. . . . e somiu-se a Adella. Ora, senhores doutores, disse eu, vejam que patadas aqui vão Patada em vir esta mulher aqui por um buraco do espaldar, e não tinha necessidade de magica para vir passeando pelo jardim, para fallar ao jardineiro. Patada em introduzir maravilhoso desnecessario. Patada em representar uma soberana despojada do throno, perseguida, afflicta, na acção de fugir de um tyranno, vir com toda a paxorra amantear com um mandrião de um jardineiro, que nunca a viu; patada em fazer na Turquia imperante uma mulher, onde as sultanas são excluidas do imperio; patada em a demorar com colloquios no jardim, no momento da fuga. Patada

Isto não é nada, apparecem dous turcos, sem saber para que, conversam com Alfeno, um vai-se embora, outro senta-se em um banco de verdura, a criada de Adella põe-se a conversar, o turco estava com somno, que tinha passado mal a noite, deixou-se dormir. A criada zanga-se, e Adella converte o canapé em uma terrina, e lá ficou o turco sepultado. Diz Adella que tinha fugido com

seu mestre Eurice, que lhe tinha ensinado a arte magica, e vai-se embora. Patada, disse eu, pois se Adella fugiu como está alli, se fugiu com o mestre, para que o deixou? Se hia com elle, para onde foi elle que nunca apparece, e ella para para que vem cá dar á taramella com o jardineiro? Se ella fugiu com Eurice, com medo do tyranno usurpador do reino, como mostra não ter medo do tyranno, deixando-se ficar no jardim de palacio? Se diz que não tem medo delle no jardim, porque é Maga, porque não é Maga no Palacio, para se não ir embora, nem temer lá, o que aqui mostra não temer depois da fugida? Patada, srs. visinhos, patada. Palavras não eram ditas, vai-se Adella, vai-se o jardineiro, que eram horas de almoçar, e apparece aos empurrões um esganarello com uma loba preta, sem chapéu, nem carapuça, gritando, que tendo saltado os muros do jardim encontrára aquelle balandrão, e o vestira por se achar baldo de calções. Diz agora Adella que está escondida, eu me servirei deste toleirão para os meus intentos; neste instante abre-se a tampa da terrina, sahe o turco, assarapanta-se o esganarello, cahe no chão, diz agora Adella escondida. Elle não tem chapéu! Pois eu lho dou. Apparece um anão de um buraco, e traz um chapéu. O tolo não o quer apanhar; repugna: sahe a morte de outro buraco, e manda-lhe que pegue no chapéu. Patadas, e patadas. Se Adella quer que o homem tenha chapéu, porque não lho encacha na cabeça, ou elle queira, ou não queira? Que interesse tem Adella em que aquelle diabo esgalgado tenha, ou não tenha um chapéu? Se é turco, os turcos não tem chapéu, se é doido que importa que elle ande descarapuçado? Se o não acceita ao anão, entre anão, e morte, não ha ser intermediario, que pespegue com o chapéu na cabeça ao papelão? Quem viu um esqueleto acenando, fallando, teimando com um homem que pegue no chapéu? Contradição, patada, ociosidade de scena, falta de juizo, vontade de sarapatel de visagens, sem necessidade.

Vem neste comenos o grão tyranno Urbino.

Ora façamos algumas reflexões sobre este extraordinario ser, verdadeiro Manoel Coco, ou piegas á turca! Quem é este homem? Como se chama o imperio usurpado? Como o usurpou? Quem o possuia? Como conservou em vida e liberdade a legitima soberana? Como existe com ella no mesmo palacio, e em que tempo foi este throno usurpado? O que aqui vão de patadas! Nada disto consta, só se sabe que é o tyranno Urbino, que deixou fugir Adella com o sabio Eurice. Nunca vi um bonacheirão assim! Era uma paz d'alma, e mais feito para Donato de santa Apolonia, que para tyranno. Não se lhe ouvia uma palavra mais alta, mandar elle matar um homem, era o mesmo que chiar um carro, ninguem se movia, e elle ficava da mesma sorte. Parecia o José de Madrid com os seus generaes, que lhe não deixam vender nem uma fanega de trigo por sua conta: em fim o tyranno era um santo, tinha, ou fazia uma carinha, que parecia o irmão João, dava umas pasadinhas que parecia um anjo na procissão do Bar-

reiro; eu nunca vi um homem mais manso, e mais amavel. Eis-aqui o retrato do bom Urbino, pai da patria, mole como papas. Ora anda cá, genio, abrilhantador da scena, tu sabes que cousa é conservar um character? Tu sabes o que é dar um character odioso a um usurpador? Não, senhor. E bem mostras nesta indisculpavel parada. Oh quem quer que tu foste que fizeste n'outro tempo este drama anonymo! Emenda-te se ainda és vivo. Sabe, diz Horacio, que é melhor ser bom capateiro, que máo poeta. Cale-se, senhor, me diziam a mim os meus dous visinhos, essas suas exclamações não são escandalosas, mas inuteis. Estas monstruosidades, que sua mercê está vendo, não procedem da incapacidade de nós os poetas, procedem da corrupção do gosto publico, que quer ver incoherencias: bem sabemos que um tyranno tão parvoinho nunca se viu, mas o povo gosta de ver alli na scena aquelle pastel, ou aquelle prato de açorda: e para que sua mercê conheça tudo, saiba que nasce aquillo muitas vezes da intriga theatral; aquelle character é odioso, nenhum comico o quer, nenhum primeiro galã lhe péga, por tanto vai recáhir em algum miseravel, a quem conservam por caridade na banda Histrôa; este miseravel péga em tudo, para o não apresentarem no andar da rua, môa-se embora o publico: o pondenor de um galã não cede, porque tem a quem agradar, e não quer caracteres odiosos.

Pois, senhores, lhe disse eu, concedo que o gosto esteja corrompido, esta corrupção não deve dar leis ao poeta, elle a deve emendar, e trazer com boas composições o povo para os caminhos da razão, e da verdade; conheço que o que faz de tyranno, até tem cara de fome, e de doença crônica, e que não era para alli, mas a patada mestra é do author do peça, porque mesmo aquelle pão sem sal, que alli está fazendo de Urbino I. imperador dos turcos, dizendo-se que fôra um usurpador, devia mostrar constancia, violencia, e inflexibilidade, quem teve força para usurpar, deve ter força para fazer executar as suas ordens; quando manda matar um homem, morrer este homem, e não ficar vivo, e são, e o tyranno feito um parvosinho. Isso é verdade, disse o poeta d'Elogios, mas se qualquer daquelles homens morresse, faltava depois para acabar a comedia. . . Ahi está a patada, por isso é que o author não deve fallar em mortes, ou se falla, conservar o character de um tyranno usurpador. Aqui chegava com o meu aranzel, quando o tyranno parvoinho perguntou ao bachá Timantes; (vêde, meu amigo, um turco chamado Timantes, nome grego, e antigo do pintor do sacrificio de Efigenia) quem era aquelle Fantasmão da loba preta, que alli andava a passear nas suas barbas? Senhor, lhe diz o bachá Timantes, é um pateta que ahi appareceu. Os vestidos são os do sabio Eurice, diz o tyranno. Homem, tu és o sabio Eurice? Que patada! Pois este Eurice não era o mestre de Adella, não vivia no palacio, não tem com seus conselhos ajudado o mesmo Urbino, como elle diz, então não o conhece? Pergunta a este mesmo homem, para cuja cara está olhando, se

he Eurice? Ha destempero assim! O pateta da loba preta, diz, e responde altissimos disparates, e o tyranno parvoinho a olhar para elle, e a dizer-lhe que não disfarçasse com tanta humildade a sua sciencia, e virtude magica, que bem sabe que é o sabio Eurice.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

A Lira d' Apollo.

Publicou-se o n.º 4 deste jornal de musica, contém os bailados da grande opera — *O Propheta* — do mestre Mayerber, vende-se e assigna-se para este jornal no armazem de muzica de J. C. Lenci, rua das Portas de Santa Catharina n.º 13, por assignatura 200 rs. (pagos á entrega) avulso 280. No mesmo armazem se acha grande sortimento de musica, ultimamente chegada para canto, e para piano.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE S. CARLOS.

Segunda feira 4 de Fevereiro, a beneficio do 1.º baixo baritono C. Fiori, irá á scena novamente a opera — *Elixir d' Amor* — desempenhada pelas sr.ª Gresti e Persolli, e srs. Baldanza, Fiori, e Celestino. — Dança — bailado e passo a dois. A sr.ª Rugalli e o sr. Vienna dançarão «A Redova».

Terça feira 5 de Fevereiro, opera — *Elixir d' Amor* — Dança «Bailado e passo a dois das sr.ª Moreno e Devecchi».

Quarta feira 6 de de Fevereiro, opera — *Elixir d' Amor*. — dança «Um novo bailete comico em 3 actos. composto pelo sr. Gnidí, intitulado «Cadet Barbeiro».

THEATRO DE D. FERNANDO

Terça feira 5 de de Fevereiro, a comedia em 2 actos — *As Proezas de Recheliu*. — A comedia em 1 acto — *A Priminha*.

THEATRO DO GYMNASIO.

Terça feira 5 de Fevereiro — *Fabia* — tragedia em 3 actos — *O Ensaio da Norma* — farça lyrica — *Um Aguaceiro* — em um acto. — *O Homem das Fatalidades* — em 1 acto.